



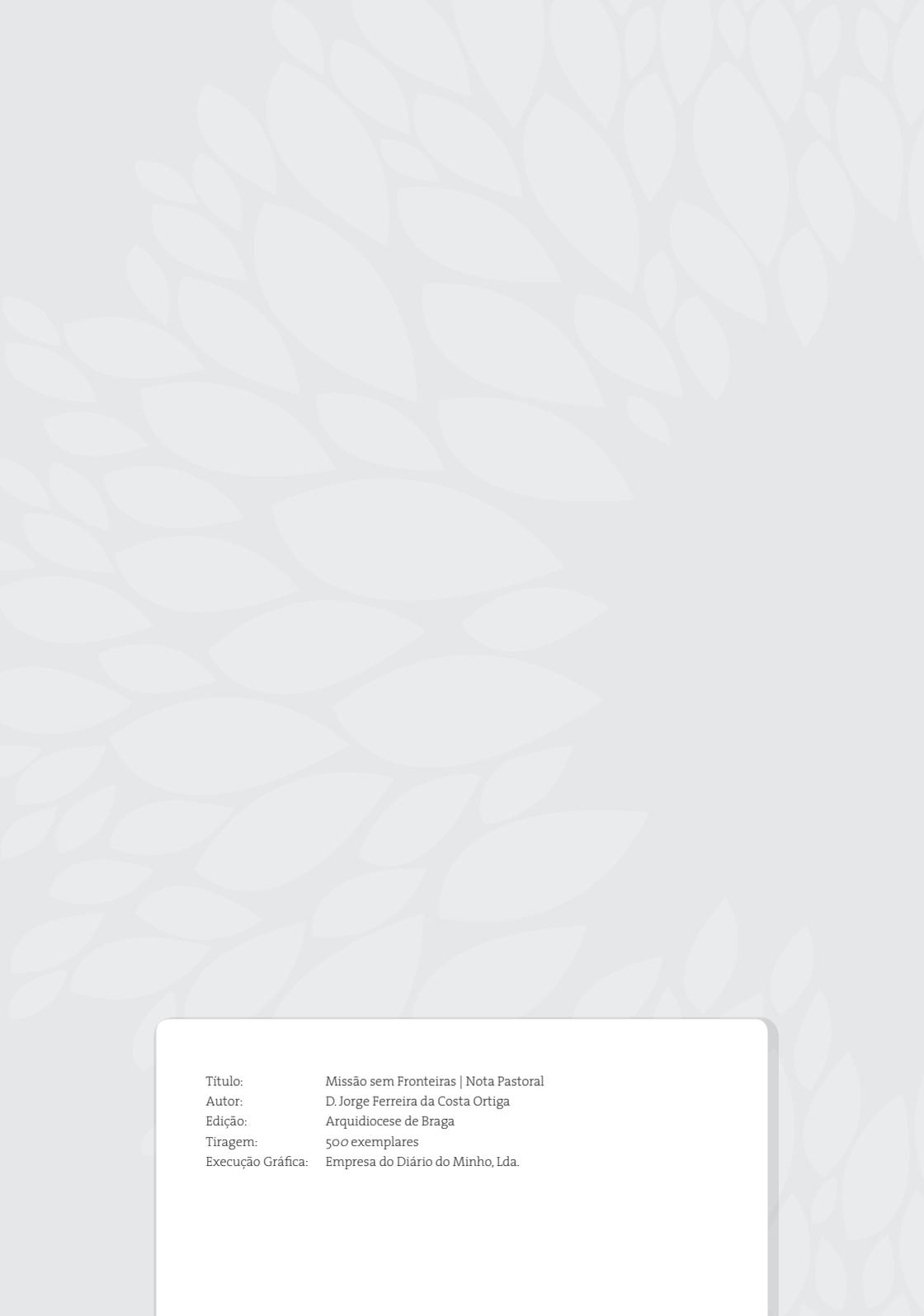
Nota Pastoral

FÉ ANUNCIADA
ANO MISSIONÁRIO

MISSÃO SEM FRONTEIRAS

2015-2016

D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga
Arcebispo Primaz



Título: Missão sem Fronteiras | Nota Pastoral
Autor: D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga
Edição: Arquidiocese de Braga
Tiragem: 500 exemplares
Execução Gráfica: Empresa do Diário do Minho, Lda.

Introdução

No ano 2012–2013, delineámos um itinerário pastoral centrado na Fé. Fizemo-lo inspirados na proclamação do Ano da Fé pelo Papa Bento XVI, a 11 de Outubro de 2012, por ocasião das celebrações da abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II. Era nosso propósito «redescobrir» a identidade cristã que nos constitui Povo de Deus nesta Igreja bracarense, conscientes de quanto Isafas havia dito: «Dar-te-ei tesouros enterrados e riquezas escondidas, para que saibas que Eu sou o Senhor» (Is 45, 3).

A (re)descoberta da identidade cristã exige o encontro pessoal e comunitário com o Mistério da Encarnação, cujo fruto, Nosso Senhor Jesus Cristo, é para nós «Salvação de Deus» (Mt 1, 21). Ele é o centro da Fé cristã que a Igreja desde o primeiro momento da sua história proclama: «O Verbo fez-se carne e habitou no meio de nós» (Jo 1, 14). Ao encontrarmo-nos com este tesouro», que só com os olhos da Fé se desvenda, descobrimo-nos filhos no Filho de Deus e reaprendemos a grandeza e o valor da nossa frágil humanidade, por infinita misericórdia colocada no centro do projeto de Deus. A descoberta das belezas deste tesouro» leva-nos à abertura interior para os Sinais dos Tempos (cf. GS 11), pois a Fé não se esgota na repetição dos acontecimentos passados, mas desafia-nos à descoberta do Senhor Ressuscitado continuamente presente no meio de nós: «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Perante esta certeza, ser discípulo de Cristo significa permanecer em constante vigilância e revisão de vida, a fim de que a nossa Fé seja um *Sim* continuamente renovado e amadurecido aos

Seus apelos. Só permanece n'Ele quem se conserva no Seu Amor, identificando-se com os Seus valores e critérios, até ver todas as coisas segundo o Seu olhar. Nele, encontramos com a beleza do Amor eterno, que na Sua inesgotável misericórdia nos faz sempre de novo e nos ensina a desenterrarmos de nós mesmos os talentos que a mesma misericórdia em nós depositou, para que sejamos «Um povo que produza os Seus frutos.».

Respondemos aos desafios de Bento XVI, delineando um percurso para cinco anos. Assim, e sem fragmentar a Fé, vimos propondo a abordagem de aspetos diferentes da vivência da Fé, na busca de uma maior profundidade e maturidade para vivermos com Cristo e para Cristo.

Em 2012-2013, reconhecemos a importância de **professar a Fé** de modo esclarecido, sobretudo num mundo como o de hoje, onde há grande e variada concorrência de propostas, mas, ao mesmo tempo, se vive o vazio de ideais e a crise das ideologias. Experimentámos as dificuldades na transmissão da Fé às novas gerações, percebendo que uma religiosidade meramente tradicional, sentimentalista, emotiva e ritualista não responde aos anseios mais profundos de libertação interior e de descoberta do verdadeiro sentido da vida. Por isso mesmo, comprometemo-nos a professar a Fé com seriedade, profundidade e motivação, fruto da descoberta da beleza de Deus através de uma educação cristã permanente, renovada e comunitária, capaz de nos ajudar a poder dizer com toda a convicção e alegria: «Sei em quem acreditei» (2 Tm 1, 2).

1. Um novo horizonte que se abre

A Fé celebrada (2013–2014), ao ritmo do Ano Litúrgico, fez-nos experimentar a alegria que nos vem da certeza de que, quando dois ou três se reúnem em nome do Senhor, Ele está no meio deles (Mt 18, 20). A alegria que brota da Festa da celebração exige de nós a coerência da **Fé vivida** (2014–2015) nos diversos contextos da sociedade, que se concretiza nas Obras de Misericórdia, porque «A fé: se ela não tiver obras, está completamente morta» (Tg 2, 17).

Neste quarto ano (2015–2016) procurar-se-á expressar a alegria de uma fé anunciada, reassumindo o estatuto de discípulos missionários que querem corresponder ao desafio de Cristo: «Assim como Eu fiz, fazei vós também» (Jo 13, 15).

Numa época marcada pelo relativismo cultural, pelo individualismo e narcisismo exasperados, mas também de crescente valorização da liberdade e da tolerância, a fé exige uma atitude de humildade que, na absoluta gratuidade, aceita e promove a liberdade, bem como a constante atenção e valorização do respeito e da tolerância pelas diferenças na perspectiva de crescente humanização das relações interpessoais e interinstitucionais. A misericórdia, enquanto amor concreto e visível, operativo e prático, e não simplesmente afetivo, é central na Revelação Bíblica. Por outro lado, sendo a coragem e a força do perdão a alma da Vida Cristã, é-nos dada a responsabilidade de, em inúmeros casos e momentos, sermos transparência da Misericórdia de Deus, aproximando a Sua transcendência à vida quotidiana dos nossos irmãos.

Maria é esta manifestação inequívoca de um Deus com rosto misericordioso e começando, desde já, a sublinhar a importância da contemplação para que, na escola de Maria, e na nossa Arquidiocese positivamente marcada por uma devoção mariana, aprendamos com ela a felicidade de ser discípulos missionários.

Assim, depois das vivências já assumidas e avaliadas nos três anos do nosso Plano Pastoral Quinquenal, somos convidados a reconhecer que o «Tesouro» descoberto não pode permanecer encerrado e escondido, enquanto muitos dos nossos contemporâneos procuram sinceramente e desejam compartilhar connosco da sua Beleza. De modo algum a opacidade da nossa inércia pode esconder os «Tesouros» da Misericórdia de Deus. Como nos recorda o Concílio Vaticano II, os cristãos ocultam o Deus de Misericórdia «na medida em que, pela negligência na educação da sua fé, ou por exposições falaciosas da doutrina, ou ainda pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social, se pode dizer que antes esconderam do que revelaram o autêntico rosto de Deus e da religião» (GS 19).

Eis-nos perante o desafio da Fé Anunciada – Ano Missionário que, necessariamente, nunca pode alhear-se ao Ano da Misericórdia. Não são temas que se sobrepõem e complicam as nossas agendas pastorais. Anunciar, como Cristo o fez, dum modo corresponsável (sacerdotes, religiosos e leigos), é sinónimo de acolher a Misericórdia de Deus e oferecê-la aos outros. Só com esta oferta anunciaremos com credibilidade.

2. O discípulo só pode ser missionário

Ao aprofundarmos o nosso compromisso missionário como discípulos de Cristo, contamos com a ajuda do incontornável magistério do papa Francisco que nos lembra: «Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar» (*Evangelii Gaudium*, 119). Nesta reafirmação da doutrina conciliar, centramo-nos no batismo que faz de cada um de nós discípulo missionário. Como sublinha o Santo Padre, pela dignidade batismal cada Filho de Deus e discípulo de Jesus é chamado a ser sujeito ativo de evangelização: «Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários”» (*Evangelii Gaudium*, 120).

A Fé vivida exige empenho missionário pois, como recordamos, o discípulo é por natureza missionário e só é missionário quem permanece na fidelidade ao Senhor. Todos os cristãos são chamados à missão e o seu exercício acontece de vários modos, conforme a vocação e os carismas de cada um. Nasce do mandato missionário: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mt 28, 19-20), que os primeiros discípulos, «logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria “Encontramos o Messias”» (Jo 1, 41). Também muitos samaritanos acreditaram em Jesus «devido às palavras da mulher» (Jo 4, 39). O próprio Paulo de Tarso, após

o encontro com o Ressuscitado na estrada de Damasco, «começou imediatamente a proclamar (...) que Jesus é o Filho de Deus» (At 9,20). Com a sua conversão, o Apóstolo dos Gentios percebeu de imediato que o encontro com Cristo implica, necessariamente, fazer de cada crente um missionário; a gratuidade de Deus para com ele, tornou-o devedor do anúncio do Evangelho a todos os irmãos ainda privados de tão extraordinária graça.

Pela experiência pessoal e pastoral, os Padres da Igreja compreenderam que «o homem não nasce cristão, mas faz-se cristão» (Tertuliano, in *Apologia*, cap. XVIII), por isso se aplicavam incansavelmente a ensinar «tudo quanto o Senhor tinha mandado», para que através da contínua conversão, cada membro da comunidade, «Corpo de Cristo», permanecesse discípulo amadurecido na sua identificação com Ele e assim O testemunhasse até ao martírio. Sabemos que a personalidade cristã vai-se edificando a partir do acolhimento da palavra de Deus; da nossa disponibilidade interior para que a Palavra «viva e eficaz» nos molde como barro na mão do oleiro e nos trate como o sábio agricultor, separando em nós o trigo do joio. Depois de acolhida, a Palavra rezada e contemplada ilumina os nossos critérios para que os discernimentos aconteçam segundo os valores e critérios da Fé. É assim que — da Palavra entendida, meditada, interiorizada, rezada e compartilhada — chegaremos ao testemunho cristão de vida e à ação missionária. Esta deverá ser natural, espontânea e transparente, acontecendo de modo coerente nos ambientes onde quotidianamente decorre a nossa vida, a começar pela família, pela vizinhança, pelos contextos culturais e socioprofissionais, no exercício da cidadania nos diversos contextos do mundo e, porventura, nas missões específicas sugeridas ou explicitamente pedidas pela Igreja.

Esta dinâmica da fé tem as suas exigências e pressupostos. Sabemos que a complexidade do mundo global e a exigência de muitas situações humanas pedem aos cristãos formação contínua. Não é possível improvisar respostas competentes e eficazes sem preparação específica. Não é possível viver a Fé sem uma contínua formação que promova, sobretudo, a conversão. Importa que todos os cristãos percebam os apelos dos sinais dos tempos e respondam com o seu compromisso neste apelo do Senhor. Nada se consegue sem a reserva de tempo para o realizar. As comunidades devem propor diversas iniciativas de acordo com a necessidade e disponibilidade dos seus cristãos e estes são convidados a dar prioridade a estas iniciativas. Trata-se, ao fim e ao cabo, de formar para a missão. Com persistência conseguiremos renascer pela Sua Palavra abriremos toda a vida à ação do Espírito Santo em nós, e seremos à imagem do «*Sim*» da Virgem Maria, a Estrela da Nova Evangelização, humildes servos ao serviço dos irmãos.

3. Um novo modo de ser discípulo

O agir pastoral não é simples profissionalismo disponível numa «agência de serviços». Sem alma, a Missão só cansa e não atinge os seus fins (Cf. *Evangelii Gaudium*, 93-97). Acontece que encontramos dentro das nossas comunidades pessoas que, tendo sido batizadas, continuam a observar costumes religiosos, mas as suas opções evidenciam que parecem não ter Fé. Também é frequente encontrarmos pessoas que se apresentam e nos garantem a sua identificação com a Fé da Igreja, porém sem prática religiosa, assim como nos depararmos com a interrogação se, de facto, algumas pessoas agem guiadas pela Fé ou por motivos periféricos à Fé e de conveniência pessoal. Normalmente, preocupamo-nos quase exclusivamente com aqueles que nos procuram. Importa uma missão com todos para que se encontrem com a Luz de Cristo e percorram a sua «estrada de Damasco», para que as «disidências internas» não provoquem «afastamentos externos» ou atitudes ambíguas na comunidade e nos diversos ambientes socioculturais.

Como referem Bento XVI e Francisco, importa que as comunidades cristãs, devido a «uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio de fervor», não sejam nunca obstáculo para o encontro com Deus, mas que pelo ambiente de escuta e de firme esperança se anteveja e respire nelas o fervor missionário, o acolhimento fraterno e a presença da alegria que vem da certeza da Misericórdia abundante e sempre disponível de Deus (cf. *Evangelii Gaudium*, 72-86). Interroguemos sobre a «qualidade cristã» das nossas comunidades cristãs: qual será a relação entre

a prática sacramental e a vivência esclarecida da fé nos diversos âmbitos da vida pessoal e social? Que importância é dada à oração pessoal, à liturgia, à caridade e à, consequente, missão?

A resposta a este desafio da conversão leva-nos, como Paulo de Tarso, ao empenhamento missionário que nos propomos concretizar ao longo do Ano Pastoral em três «missões», claramente explicitadas no nosso Programa Pastoral:

- a. Repropor o Evangelho a cada cristão** como caminho para uma vida de discipulado mais alegre que leve a partilhar a Fé com os outros, operando-se assim a conversão dentro das comunidades.
- b. Levar o Evangelho aos outros** e convidá-los a conhecer Jesus Cristo, a Sua mensagem de salvação, saindo assim ao encontro das periferias dos «afastados», aos desconhecedores das maravilhas de Deus.
- c. Anunciar o Evangelho com a alegria** de quem sabe que esta Missão é o primeiro e o melhor serviço prestado à transformação do mundo e da sociedade.

4. Formar para a missão

Como já referimos, a concretização destes desafios exige **formação para a Missão**, numa dupla vertente de encontro pessoal com Deus e a alegria de entusiasmar os outros, para um encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Lembra Bento XVI: «É sempre importante saber que a primeira palavra, a iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, nos podemos tornar também com Ele e nele evangelizadores» (Sínodo dos Bispos, 08-09-2012). O Papa Francisco, por seu lado, concretiza a reflexão do seu antecessor em duas conclusões e numa orientação pastoral: «**A salvação que Deus nos oferece, é obra da Sua Misericórdia**» e «Esta salvação que Deus oferece e a **Igreja jubilosamente anuncia** é para todos» (*Evangelii Gaudium*, 113). Por isso, e para isso, «a Nova Evangelização implica um novo protagonismo de cada um dos batizados (...) e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizada por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas recetor das suas ações» (*Evangelii Gaudium*, 120). Por estas razões, o nosso Ano Missionário deve contar com a riqueza dos diversos intérpretes do único Evangelho, segundo a diversidade das suas vocações e carismas, mas sempre numa Igreja, comunidade de responsáveis, onde leigos, religiosos e sacerdotes, com confiança mútua e encargos diversificados concretizem a primordial missão da Igreja: Evangelizar (cf. *Evangelii Nuntiandi*, 14).

Como forma muito concreta e desafiante, urge que os Movimentos Eclesiais presentes na Arquidiocese, ou que nela

se venham a fundar ou expandir, suscitem em cada um dos seus membros o ardor missionário e que, na fidelidade aos seus carismas fundacionais, promovam uma formação integral, na qual sobressaia também o apelo missionário e a comunhão eclesial, sem se limitarem a uma formação parcelar e reduzida exclusivamente ao seu carisma, podendo originar assim caminhos paralelos e não convergentes com a Igreja local, logo uma militância estéril. Os movimentos evangelizam os seus membros e habituam-nos nesta tarefa de ação missionária num trabalho integrado na comunidade paroquial e diocesana. Para isso, importa uma verdadeira aposta nos movimentos, dando-lhes a assistência necessária e responsabilizando-os por iniciativas inovadoras e diversificadas para bem dos seus membros e de muitas outras pessoas a quem motivam para participar e envolver-se neste encontro com o Evangelho.

Havendo na nossa Arquidiocese um grande número de Associações de Fiéis, muitas delas confrarias com grande tradição nos territórios onde estão implantadas, importa que todas se motivem ainda mais para a causa da evangelização e o façam sempre em atitude de fidelidade e de serviço em Igreja. Auguro que os membros das associações de fiéis insiram dentro das suas atividades diversas ações de formação e, o que seria louvável, as promovam também para os não associados, nomeadamente por ocasião das festas religiosas que necessitam de muita purificação para que sejam verdadeiras expressões de fé que geram convívio saudável e festivo (Cf. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, *O sentido cristão das festas religiosas*, Braga 2004).

O Ano Missionário pede-nos ainda a coragem e a audácia de empreendermos a programação e realização de Missões Arciprestais e a valorização missionária das nossas

peregrinações tão caras ao Povo de Deus. As Missões devem ser concretizadas a partir de um trabalho conjunto, assumido pelo conselho arciprestal, concentrando com criatividade num certo período de tempo ações formativas, celebrativas e festivas que marquem o ano pastoral através da participação de todas as paróquias e que deixem, como resultado, a constituição de pequenos grupos de reflexão e revisão de vida, como autênticas células de anúncio do Evangelho. Importa ter em conta, nas opções a tomar, o contexto cultural e social de cada circunstância eclesial, bem como as possibilidades, sobretudo no tocante aos recursos humanos, dos agentes de pastoral. Aqui os Movimentos e as Associações de Fieis podem exercer um protagonismo eclesial de corresponsabilidade e alegria cristã, muito útil à sua própria regeneração.

As peregrinações, as festas e grandes romarias oferecem oportunidades de evangelização nos diversos setores da pastoral. Importa refletir, discernir e assumir opções concretas no contexto arciprestal ou de zona sobre as possibilidades de aproveitar os momentos antecedentes e preparatórios para, com criatividade, se proporem iniciativas que congreguem todo o Povo de Deus à volta da proposta do ano missionário e do aprofundamento das temáticas referentes à misericórdia do Senhor. Também no âmbito desta pastoral, podem ser valorizadas as peregrinações penitenciais na Quaresma, com a devida valorização da Via Sacra e da Celebração Penitencial. Se são importantes as Peregrinações aos Santuários, a ideia da peregrinação pode ser também conduzida para os lugares vivos da paixão de Cristo, naqueles que sofrem, promovendo visitas a lugares e instituições onde o sofrimento físico e espiritual se mistura com a solidão e o abandono. Daqui poderiam nascer grupos de voluntários como expres-

são e modo de viver este rosto missionário que as nossas comunidades devem oferecer.

A formação e consciencialização de grupos paroquiais que assumam um ardor missionário é uma prioridade inadiável. Aí aprofunda-se a dimensão missionária da Igreja, ajuda a criar colaboradores para as ações concretas de evangelização e para a concretização de uma Arquidiocese aberta ao mundo, onde o protocolo assinado com a Diocese de Pemba, Moçambique, pode congregar vontades de comunhão de pessoas e bens, a ser referência para outras iniciativas em qualquer parte do mundo.

5. Anunciar um Deus rico em misericórdia

Como refere Francisco na Bula de proclamação do Jubileu Extraordinária da Misericórdia, *Misericordiae vultus*, «Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. (...) Precisamos de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. (...) A misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado». Na pegada do Bispo de Roma, recordamos, com São Tomás de Aquino, que «é próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a Sua onipotência» (*Summa Theologica*, II-II, q.30, a.4). Assim, percebemos que «a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o Seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras» (*Misericordiae Vultus*, 8).

Ao olharmos para Jesus, «podemos individuar o Amor da Santíssima Trindade. A Sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. Tudo nele fala de misericórdia. Nele nada há que seja desprovido de compaixão». Nele descobrimos «o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos: somos chamados a viver de misericórdia, porque primeiro foi usada misericórdia para connosco». Por tudo isto, «chegou de novo para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão». Se «a primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo», então «nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos, em suma, onde houver cristãos, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia».

Ao encontrarmos-nos com a reflexão do Papa Francisco, percebemos como a celebração do Ano da Misericórdia não aparece como uma intromissão que vem dificultar a intenção original do nosso Programa Pastoral. Trata-se antes de uma ajuda repleta de elementos elucidativos para uma experiência de Deus – pessoal e comunitária – a anunciar através do testemunho. O Ano da Misericórdia propõe-nos a centralidade da escuta da palavra de Deus, a recuperação do valor do silêncio para que meditemos na palavra que nos é dirigida; desafia-nos a recuperar a experiência da peregrinação, purificando-a pela conversão até à meta desejada que é a misericórdia, a qual se alcança pelo empenho, pelo sacrifício e pela experiência do perdão de Deus celebrado e saboreado no Sacramento da Reconciliação. Da experiência do perdão de Deus, aprendemos também nós a perdoar e a dar, abrindo o coração «àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais», em situação de precaridade e sofrimento, à espera da nossa consolação, misericórdia, solidariedade e atenção devida à sua dignidade humana de Filhos de Deus. Continuaremos assim, em pleno espírito jubiloso, a experiência da Fé vivida através da prática das Obras de Misericórdia corporais e espirituais, que mais não são do que a consequência da Fé que professamos e celebramos quotidianamente.

O Sucessor de Pedro alerta-nos ainda para o valor da oração, do jejum e da caridade. Fala-nos da atualidade das tradicionais «Quarenta Horas de adoração ininterrupta, sobretudo na sexta-feira e no sábado anteriores ao IV Domingo da Quaresma» e que nós poderemos concretizar dando uma importância particular à tradição maravilhosa dos Lausperenes que se realizam nas nossas paróquias. Deveriam continuar a ser um momento privilegiado de encontro com

Deus e conseqüente rejuvenescimento da nossa fé, que só acolhemos e percebemos minimamente quando sentimos a necessidade de a querer comunicar aos outros, como conseqüência de termos encontrado um tesouro de incalculável valor.

No desejo de proporcionar o encontro com a misericórdia de Deus ao maior número de pessoas, o papa Francisco relembra aos confessores que devem ser «um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai» e apela a todos os cristãos que procurem o perdão de Deus neste Sacramento e saboreiem a alegria e a paz que dele dimana.

No meio de tantas iniciativas e sugestões, o Santo Padre recorda as «Missões Populares». Que significado poderão ter hoje? Como organizá-las? Os arciprestados não poderiam assumir uma «Missão Arciprestal» com novidade nos métodos e reflexão? Missões que fossem capazes de criar pequenos grupos de reflexão cristã e revisão de vida ao nível paroquial ou interparoquial? Potenciando, ainda, que os grupos de ação já existente – por exemplo os catequistas, os grupos corais, os zeladores, etc – assumissem também uma dimensão mais formativa e reflexiva? As peregrinações arciprestais ou festas paroquiais não poderiam tornar-se o momento oportuno para uma reflexão séria e bem organizada? Claro que isso implicaria uma séria e atempada preparação e não apenas a celebração, no dia.

Somos, por fim, convidados a fazer uma séria reflexão sobre a conduta da nossa vida, valorizando intensamente a Quaresma do Ano Jubilar. Realidades, como o materialismo, a ambição desmedida que levam à ganância, à corrupção e ao cinismo, pedem-nos conversão expressa na prudência, vigilância, lealdade, transparência e coragem de denúncia. O papa Francisco lembra ainda a relação entre justiça e mi-

sericórdia, tratando-se não de dois aspetos contrastantes entre si, mas duas dimensões de uma única realidade. A misericórdia não é contraditória à justiça, antes lhe oferece novas realidades de arrependimento, conversão e fé, que fazem com a que justiça seja mais justa.

Na bem-aventurança da misericórdia, acolhamos, com grandeza de ânimo, as graças e os reptos deste Ano Santo, anunciado jubilosamente pelo Papa Francisco, a fim de revigorarmos a vida nova inaugurada no batismo e tornar mais credível o nosso testemunho de cristãos. Demos graças pela misericórdia com que fomos eleitos. Como é extraordinária a misericórdia de Deus! Jesus Cristo deixou as noventa e nove ovelhas para nos procurar até encontrar e fazer festa! Recordo-me sempre desta ternura, junto à porta da catedral, no domingo de Ramos, quando, com a cruz, bato na porta, para abrir e levantar pórticos antigos, a fim de celebrarmos o mistério pascal.

Por estímulo e alegria da misericórdia, meditemos na bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Direis talvez que é grande, mas enorme é o seu alcance e maior ainda o proveito que dela tiraremos. Quem não gosta de ler cartas escritas por alguém que ama? Nela encontramos uma Suma da misericórdia de Deus, fresca e cristalina desde sua fonte trinitária, da qual Cristo é rosto, palavra e gestos em pessoa. Tudo isso nos é dito, na riqueza dos textos bíblicos, dos Padres e santos da Igreja ao longo dos séculos, e na ternura do Papa Francisco, que não esquece os ensinamentos dos seus Predecessores. Quando a leremos? Com quem? Sabemos ser criativos e rápidos para o que nos convém. Por isso, estou certo da sua meditação.

6. Alguns sinais

Para que a conjugação entre o Ano Missionário através da Fé anunciada caminhe de mãos dadas com o Ano da Misericórdia quero, ainda, fazer referência a alguns pormenores relacionados com a vivência deste ano jubilar. Peço que todos sejam interpretados como graça para o anúncio da fé numa atitude de corresponsabilidade. Coloquemo-los nesta perspetiva para que a dimensão missionária se intensifique.

Igrejas jubilares

Escolhemos algumas Igrejas Jubilares, situadas em todos os arceprestadados e onde haja a oferta de sacerdotes disponíveis para a celebração do Sacramento da Reconciliação, em horários previamente definidos e com a devida oferta de preparação, como experiência de perdão e compromisso através de uma vida renovada que testemunha e anuncia o verdadeiro rosto de Deus. Entrar numa igreja Jubilar deve significar um verdadeiro ato de fé na Igreja como comunhão dos santos onde a possibilidade da Indulgência exprime a Santidade da Igreja, participando em todos os benefícios da redenção operada por Cristo.

Iniciando o Ano Santo, no dia 8 de Dezembro, Solenidade da Imaculada Conceição, na celebração do cinquentenário da conclusão do Concílio Ecuménico Vaticano II, com a abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro, nós, em consonância com a Bula *Misericordiae Vultus*, procederemos, no dia 13 de Dezembro, à abertura da Porta da Misericórdia na

Sé Primacial, Igreja Mãe da Arquidiocese. Em correspondência ao dinamismo da sua abertura, que o Papa quer alargado às Igrejas particulares, determino que sejam abertas várias destas Portas da Misericórdia na arquidiocese de Braga: Amares: Ferreiros; Barcelos: Igreja do Senhor Bom Jesus da Cruz; Braga: Igreja Catedral, Basílica dos Congregados, Basílica do Bom Jesus e Basílica de N^a Sr^a do Sameiro; Cabeceiras de Basto: Igreja Paroquial de São Miguel de Refojos; Celorico de Basto: Igreja Paroquial de São Pedro de Britelo; Esposende: Igreja Paroquial de Santa Maria dos Anjos de Esposende; Fafe: Igreja de São José; Guimarães e Vizela: Basílica de São Pedro do Toural; Póvoa e Lanhoso: Igreja de Nossa Senhora do Amparo; Terras de Bouro: Basílica de São Bento da Porta Aberta; Vieira do Minho: Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vieira do Minho; Vila do Conde/ Póvoa de Varzim: Igreja do Sagrado Coração de Jesus e Igreja Paroquial de Santa Eulália de Balasar; Vila Nova de Famalicão: Igreja Paroquial de Santo Adrião de Vila Nova de Famalicão (Nova); Vila Verde: Santuário de Nossa Senhora do Alívio.

Jubileus da Misericórdia

Ao longo do ano surgirão orientações e subsídios do Pontifício Conselho para a Nova Evangelização que, sem nos descentrar dos objetivos do Ano Missionário – Fé Anunciada –, nos entusiasmarão e encorajarão na valorização das ações que desejamos calendarizar: Jubileu da Vida Consagrada e encerramento do seu ano, Jubileu dos Adolescentes, Jubileu dos Jovens, Jubileu das Famílias, Jubileu dos Diáconos Permanentes, Jubileu dos Sacerdotes, Jubileu dos Doentes e das Pessoas com Deficiência; Jubileu dos Movimentos Laicais e

Associações. Solicito aos responsáveis por todos estes sectores que definam as datas, procurando não multiplicar as iniciativas, mas dando ao calendário habitual esta dimensão de evangelizar a partir da Misericórdia. Sabemos que celebrar um Jubileu marcado pela Indulgência corresponsabiliza-nos para o anúncio de Deus, Rico em Misericórdia, na experiência do seu Amor e na vivência de gestos muito concretos reveladores de um coração misericordioso que o cristão deve possuir.

Indulgências

Associada às Portas Santas jubilares, desenvolveu-se a prática da *indulgência*. Conhecemos as condições habituais: reconciliação sacramental, comunhão eucarística e oração pelas intenções do santo Padre. Na solicitude por todos, o Papa Francisco presta especial atenção aos doentes e prisioneiros, e recorda que, às condições habituais, além da peregrinação, se deve alimentar o espírito de conversão com reflexões sobre a misericórdia, a profissão da fé, o compromisso de viver da misericórdia nas suas obras. No caso dos doentes impossibilitados de sair de casa, impele-os a viver a enfermidade e oferecer o sofrimento como experiência de proximidade ao Senhor; e, quanto aos presos, a fazerem da porta da sua cela Porta de Misericórdia, pois, pela orientação do seu pensamento para Deus, podem converter as grades em experiência de liberdade. Reptos que, desde há muito tempo reconhecemos praticados, continuarão a ser desenvolvidos nas pastorais da saúde e penitenciária. De recordar, por fim, que a indulgência é, também, pelos falecidos.

Na bula, abundantes são as sugestões para colocar em prática e despertar a criatividade da misericórdia. Desde logo as litúrgicas, como a tradição das «24 horas para o Senhor». Gostaria de ver praticadas outras, ainda que não especificadas na bula: uso mais frequente das Orações Eucarísticas das Missas da Reconciliação; cuidado especial em relação ao ato penitencial nas celebrações litúrgicas; adoção das Orações de Bênção sobre o Povo, presentes no Missal; etc.

Missionários da Misericórdia

Na Quaresma, o Papa concretizará a sua intenção de enviar Missionários da Misericórdia. Na qualidade de Arcebispo de Braga, procurarei corresponder ao apelo que nos faz, convidando-os e acolhendo-os. Serão sinais convincentes da alegria do perdão, pregadores e executores da misericórdia, com faculdades especiais concedidas pela autoridade apostólica. É nesse quadro que nos surpreendemos, desde já, com a faculdade extraordinária concedida aos padres para absolver o pecado do aborto (por direito, reservada aos bispos e a quem eles delegam); claro, no espírito, exigência e reta intenção que o Papa Francisco a concede durante o Ano Santo. Missionários da Misericórdia, venham com o mesmo espírito que animou, por exemplo, S. Frutuoso, de quem comemoramos, durante este Ano Santo, 1350 anos da sua morte: ele que a praticou de forma extraordinária: «Assim, são numerosos aqueles que entraram no mosteiro tendo cometido muitos crimes gravíssimos e que, pelos santos cânones da Igreja, lhes era negada a comunhão até ao fim dos seus dias. Todavia, nós, levados pela misericórdia do Senhor, fomos consolados na nossa pequenez

para que, levados por uma tristeza profunda, os pecadores não pereçam no desespero. Por isso, de uma penitência de muitos anos, recorreremos para uma penitência mais breve e concedemos a reconciliação logo que reconhecermos que o penitente está fundado na penitência e na humildade» (São Frutuoso, *Regra Comum*, XIX). Perdoados, nos compadeceremos. E em cada comunidade, no seu rosto missionário resplandecerá a luz da misericórdia.

Outras sugestões

O Jubileu da Misericórdia tem início oficial no dia 8 de dezembro, dia da Solenidade da Imaculada Conceição, e terminará no dia 20 de novembro de 2016, Solenidade de Cristo Rei. Com um Calendário próprio (a consultar, entre outros materiais, no site oficial do Jubileu da Misericórdia: cf. <http://www.iubilaeummisericordiae.va/content/gdm/pt.html>), duas efemérides marcam o seu início: o 50º aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II e a comemoração oficial do 90º aniversário do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, a celebrar na capela, entretanto reabilitada, que será dedicada no dia 6 de Dezembro. Especial carinho nos merecerá a celebração da Padroeira do Seminário Menor. Nela, além da escultura da Imaculada Conceição, cuja história a liga à capela do antigo Paço Episcopal, encontra-se agora um conjunto de ícones dedicados a Maria, cuja linguagem contemporânea se inscreve na grande tradição dos «ícones de comoção». Comovidos e encontrados nos seus olhos, volvidos para nós, agradeçamos a Deus, que não nos quis à mercê do mal e, na sua ternura, nos convida a sermos misericordiosos como Ele.

7. Nova insistência: formar

Neste quarto ano do Plano Pastoral, orientado para a redescoberta da nossa identidade cristã, gostaria que todas as comunidades e serviços arquidiocesanos assim como Sacerdotes, Movimentos, Confrarias e Religiosos e Leigos aceitassem o convite de retirar todas as consequências, pessoais e pastorais, do «assim como eu fiz, fazei vós também» (Jo 13, 15). É um convite explícito à missão, num Ano Missionário, para que a Fé seja anunciada.

Deixamos algumas orientações nesta Nota Pastoral. São sugestões a incentivar iniciativas diversificadas. Só que, conscientes dos tempos que vivemos, teremos de extrair duas conclusões que já foram apontadas neste documento Pastoral e agora aprofundo.

Em **primeiro lugar**, nunca insistiremos o suficiente na necessidade da formação. Falar da missão sem insistir na formação significa atirar ideias para o ar sem permitir que elas se encarnem no quotidiano da vida arquidiocesana. O tempo é reduzido para todos, uma vez que a vida se complicou com a multiplicidade de solicitações. Muitas destas são enriquecedoras e absolutamente necessárias para uma vida com dignidade. Muitas outras são absolutamente desnecessárias e muitas vezes prejudiciais, só que entraram no ritmo da vida considerada moderna. Quando a fé faz parte da vida, vence-se todas as dificuldades e sabe-se optar de harmonia com uma hierarquia de valores, onde a dimensão espiritual entra como estruturante da existência. Esta lógica nem sempre é compreendida e é necessário suscitá-la, apresentando iniciativas e projetos verdadeiramente atrativos pelos

conteúdos e pela metodologia. Reconhecer a necessidade da formação, por parte de todo o Povo de Deus, nasce, nesta perspetiva, de um confronto da fé com a vida e de uma vontade em adequar uma consonância entre dois mundos que devem ser um só. Serão poucos a perceber esta inquietação interior? Quero crer que não. Importa que nunca se desanime neste desejo de tornar a fé viva e de a viver. O resto acontecerá como graça. Importa convidar, mas sobretudo criar a alegria de viver a fé com todas as suas implicações.

Neste interpelar, a Igreja deve sair dos seus espaços habituais e encontrar modos de entrar na casa de todos. Muitas vezes despendemos energias com pessoas saturadas e não alargamos horizontes, procurando o contacto pessoal e personalizado. Sair é a palavra de ordem que deve ser protagonizado por leigos, religiosos e sacerdotes, sobretudo nos Movimentos. Há muita gente que desconsidera a religião por causa da sua inércia e rotina das ações pastorais. Quando confrontados com programas marcados pela novidade, particularmente na perspetiva de querer promover mais a qualidade de vida, não deixarão de responder positivamente e aderir à proposta com qualidade.

Multipliquemos, por isso, as iniciativas de formação. Não fiquemos nos esquemas habituais. Que os leigos tomem a palavra e ousem organizar eventos formativos, sempre em unidade comunitária e sentido de Igreja. Aproveitemos o que já possuímos, mas acreditemos que a formação pode e deve experimentar expressões muito variadas.

Se a novidade no «formar para a missão» deve acontecer como aposta séria e sem desânimos nem desencantos, a Arquidiocese deve, conscientemente, **criar uma cultura de mudança**, e esta é a segunda consequência. Esta cultura levará a que se ultrapasse um cristianismo vivido como he-

rança para um cristianismo vivido e alicerçado numa fé com razões pessoais e convicções motivadas. Isto atinge-se pela formação explícita, como vimos acima, mas sobretudo pela pastoral comum da Igreja, nomeadamente através de homilias que não se contentam com moralismos ou condenações do mundo, mas que elucidam e, quem sabe, inquietam. Estas, mais do que dar respostas, colocam a assembleia celebrante a caminho d'Aquele diante do qual todos se abram na alegria contagiante do Seu amor.

Esta mudança de mentalidade deverá conduzir a uma pastoral de mudança, que todos os fiéis devem acolher. A Igreja nas mudanças de civilização foi sempre capaz de, serenamente e com ousadia, discernir caminhos novos. Daí que as objetivações pastorais não possam continuar a ser as mesmas. Não se trata de eliminar procedimentos, mas de encontrar um agir pastoral consentâneo com as reais possibilidades da nossa arquidiocese: número e idade dos sacerdotes e com a responsabilidade dos leigos que deve tornar-se sempre mais efetiva.

A missão não é uma simples palavra. É a identidade da Igreja! Encerra em si muita esperança e confiança quando operacionalizada com competência e unidade doutrinal e pastoral. A unidade doutrinal nasce da comum dignidade batismal, já a unidade pastoral emerge de um diálogo acolhedor sem autoritarismos de ninguém, onde cada um mostra a autoridade que tem pelo serviço humilde que presta aos irmãos. Ser capaz de discernir em comum será, sempre mais, o caminho a percorrer em tempo de mudança cultural. Os desafios são diferentes e as respostas devem ser diferentes. Se os intérpretes da pastoral, no passado, eram os sacerdotes, hoje tem de ser todo o povo de Deus.

Uma coisa é certa. Não poderemos continuar com um estilo de pastoral característico de uma época de cristandade. Nada mais difícil do que o mudar de mentalidades. Daí a perseverança e a vontade de querer caminhar sem ruturas que fragmentam ou dividem a comunidade. Acredito, seriamente, na capacidade para um agir comunitário desde que seja o Espírito a conduzir a Igreja.

Muitas iniciativas novas devem acontecer. Não me compete sugerir, antes convidar a que todos que, em permanente atitude sinodal, escutemos a voz do Espírito, num ambiente de oração doseado por uma profunda atitude acolhedora e fazer convergir pontos de vista diferentes. Aí, os novos caminhos serão encontrados, assumidos e operacionalizados. Daqui, sublinho a importância dos pequenos grupos de reflexão e de revisão de vida, capazes de discernir os sinais dos tempos e de identificar a presença de Deus entre nós. A paróquia deve continuar a ser a referência, a Casa-Mãe que acolhe a todos porque é «a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas» (*Christifidelis Laici*, 26). Mas teremos de abrir-nos às outras comunidades eclesiais, onde se aposta e quase se fala da mesma maneira, e saber que somos cristãos numa única Igreja. Esta mudança nunca pode ser um aventureirismo pessoal onde o sacerdote, e com ele alguns leigos, esquecem que a Igreja se orienta por princípios jurídicos que importa cumprir, uma vez que são expressão normativa da única fé. A doutrina e as orientações canónicas não podem ser ignoradas ou menosprezadas. É mais fácil cumprir sempre o essencial, como testemunho de unidade, do que isolar-se e programar sozinhos. Temos o direito e o dever da palavra, mas nunca de uma forma egoísta e individualista.

Resta, ainda, mais uma palavra. Os momentos de mudança cultural ou religiosa são sempre pretexto para olhar para trás com saudosismo ou mágoa, ou para refugiar-se em atitudes passivas de aproveitar o que de prazenteiro a vida oferece, mas só com o indispensável. Basta realizar os mínimos esperando que a vida proporcione o que pretendemos. Se isto é muito comum, no meio do lodaçal da confusão e dos enigmas há sempre flores que despontam e, por causa do contexto que as envolve, tornam mais belas. Não admira que ao tempo de crise da Igreja corresponda uma época de grandes santos. Como homens e mulheres que arriscaram a vida com encanto, sem o mínimo interesse e, por isso, deixaram as suas marcas como sementes de uma nova era. É esta atitude fundamental que se pretende. O pessimismo só provoca a derrota. A confiança e a entrega alegre de todas as forças tornam-se luzeiro norteador para um mundo novo a nascer. É com o encanto e alegria na missão que as coisas se alteram.

Queremos ser discípulos missionários numa Igreja com o rosto misericordioso de Deus, estampemos a alegria nos nossos olhos e olhemos a humanidade com um amor tal que seja capas de fazer florir cada vez mais sinais de encanto, ternura e compaixão: «assim como eu fiz, fazei vós também» (Jo 13, 15).

Conclusão

Quero terminar olhando para Maria e perspetivando o Ano da **Fé Contemplada** (2016–2017). Neste ano pastoral, não podemos nem queremos esquecer a Mãe do Céu, a Senhora do Sameiro, a Mãe da Misericórdia, a portadora da redenção para todos nós. Esta verdade está bem vincada na nossa Arquidiocese de fortes tradições marianas onde se vive a alegria que nos vem de permanecer na escola de Maria, aquela que soube acolher a Palavra no seu coração e pô-la em prática (cf. Lc 1, 21,28). A contemplação fortalecedora da Fé e a feliz comemoração das celebrações do primeiro centenário das aparições de Fátima ajuda-nos a perceber o apelo para uma maior corresponsabilidade, própria de quem se reconhece como discípulo missionário.

Encorajados por Maria «Fazei tudo o que Ele vos disser» (Jo 2, 5) continuemos a viver mergulhados nos vastos desafios das Obras de Misericórdia, a partir das quais alargaremos os nossos horizontes até aos apelos da Fé Anunciada, que nos coloca numa dinâmica de saída, em permanente estado de missão (*Evangelii Gaudium*, 20–23).

Só peregrinando até ao mais íntimo de nós mesmos nos poderemos encontrar com a libertação interior que o rosto da misericórdia do Pai, Jesus Cristo, nos devolve pelo Espírito Santo. Partilhar essa experiência de alegria com os irmãos é a nossa missão. Desejamos fazê-lo pelas mãos de Maria, a fim de com Ela e com os irmãos, fazermos da nossa vida uma peregrinação para Deus, em comunhão eclesial, tal como o Concílio Vaticano II sublinha: que a Igreja Católica deve consciencializar-se de que tudo deve convergir na

Santíssima Trindade que é a sua origem, bem como como referência permanente e meta, para onde convergem todas as iniciativas nos seus projetos e realizações. Daí que a Arquidiocese se expresse como a verdadeira Igreja de Jesus ao evidenciar uma comunhão entre todos os crentes, com as outras Dioceses e, particularmente, com o Santo Padre.

A *Visita ad Limina* aconteceu como momento de autoavaliação, na elaboração dos Relatórios enviados à Santa Sé, e de acolhimento de quanto o Santo Padre nos propõe – aos Bispos de Portugal – como o mais consentâneo das exigências atuais e como necessidade de uma resposta colegial a quanto nos propõe. Deixa às Dioceses não um simples discurso, mas verdadeiramente um programa.

Quero integrar nesta Carta pastoral o que nos comunicou o Santo Padre e aquilo que referi na Audiência Geral, onde todos os Bispos Portugueses participaram. Esta alusão não só não nos afasta dos objetivos, como são palavras que confirmam quanto referimos acerca da formação e da missão. Quanto à formação cristã, há uma ideia carregada de forte e interpelativa simbologia: não basta «o vestido da primeira comunhão». Ficar por aqui é, necessariamente abandoná-lo, pois já não serve.

A catequese de infância, ainda com muita participação na nossa Arquidiocese, deve ser melhorada e complementada através de uma proposta de formação séria para a adolescência e para a juventude.

Somos convidados a formar, com ações específicas, a juventude, a família e a paróquia, revendo a catequese e a evangelização, onde à **«comunidade inteira é pedido para passar do modelo escolar ao catecumenal: não apenas conhecimentos cerebrais, mas encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual Deus**

chama e o ser humano responde» (Papa Francisco). É o encontro com Cristo que suscita uma resposta pessoal, provoca um compromisso assumido de ser discípulo missionário, que segue Cristo e o quer levar a todos os ambientes da vida eclesial e social.

Como referi em Roma, **«não estará aqui uma verdadeira confirmação da necessidade urgente de sacerdotes, leigos e comunidades trabalharem uma pastoral da fé – viva e vivida, de modo a que tenhamos cristãos adultos e responsáveis na Igreja e no mundo? É que Francisco também recorda que, sem esta adesão pessoal a Cristo, a Igreja não conseguirá deixar a sua marca positiva na sociedade hodierna. Ninguém ignora que hoje assistimos a uma quase imposição de um pensamento único ao qual todos, quase sempre inconscientemente, aderimos. A Igreja deve ter a capacidade criativa para propor, ousadamente, um pensamento diferente, fundado na verdade de Cristo, verdadeira e única fonte de mundo novo na sua dimensão cultural e social»**.

Espero que os apelos do Papa sejam refletidos e rezados por todo o Povo de Deus — leigos, religiosos e sacerdotes —, individualmente ou nos Movimentos e grupos a que pertencem. Daqui muita novidade pode surgir, na certeza serena de que confirmam, na sinfonia da fé, aquilo que temos vindo a propor nos últimos anos. Acolhamos o desafio como mais uma graça.

E concludo: que quererá o Papa pedir à Arquidiocese de Braga quando afirma «a verdade, porém, é que Deus, ao criar-nos, sem dúvida livres na existência, predispôs de certo modo a nossa essência ao pensá-la e dotá-la das capacidades requeridas para uma missão concreta ao serviço desta humanidade que Ele ama. (...) Deste modo, a nossa felicidade depende absolutamente de individuarmos e seguirmos o chamamento para tal missão».

Respondamos e façamos com que outros respondam, e talvez aconteça que alguns, longe ou alheios à vida da comunidade eclesial, mas com tesouros escondidos de generosidade, possam, em Igreja, construir uma sociedade mais justa.

Braga, 4 de Outubro de 2015

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*

Discurso do Papa Francisco

aos Bispos da Conferência Episcopal de Portugal
em visita "ad limina apostolorum"

Sala Clementina

Segunda-feira, 7 de Setembro de 2015

*Venerado Cardeal Patriarca,
Amados Irmãos no Episcopado!*

Com fraterna alegria, vos acolho e saúdo neste vosso encontro colegial com o Sucessor de Pedro, pedindo-vos que leveis a todos os membros das vossas circunscrições eclesiais as minhas saudações mais cordiais, com votos de grande serenidade e confiança no Senhor. Quando as dificuldades parecem ofuscar as perspectivas de um futuro melhor, quando se experimenta o falimento e o vazio em redor de nós, é o momento da esperança cristã, fundada no Senhor ressuscitado e acompanhada por um amplo esforço caritativo em favor dos mais necessitados. Muito me alegra ver a Igreja em Portugal solidária e solícita com a sorte do seu povo, como aliás acaba de referir o vosso Presidente, Cardeal Manuel Clemente, nas amáveis palavras de saudação que me dirigiu e que lhe agradeço, convidando-vos por minha vez a prosseguir juntos no caminho do anúncio da salvação de Jesus Cristo.

Vejo, com esperança, crescer a sinodalidade como opção de vida pastoral nas vossas Igrejas particulares, procurando

envolver o maior número possível de seus membros na obra incessante de evangelização e santificação dos homens. De-sejo exprimir-vos o meu apreço pelo zelo pastoral e pelas múltiplas iniciativas empreendidas, individualmente e como Conferência, nos anos transcorridos desde a Visita *ad Limina* de 2007, com momento alto no acolhimento que reservastes ao Papa Bento XVI em Maio de 2010. De grande utilidade pelo seu realismo interpelador, se revelou a sucessiva auscultação geral da fé e das crenças do vosso povo, que teve uma primeira resposta geral na Nota Pastoral *Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal* (Abril de 2013), com os «caminhos – escrevíeis vós – que agora nos propomos percorrer para sabermos melhor levar Cristo aos nossos irmãos e os nossos irmãos a Cristo».

Dos vossos relatórios quinquenais, pude deduzir, com verdadeira satisfação, que as luzes sobrepõem as sombras: a Igreja que vive em Portugal é uma Igreja serena, guiada pelo bom senso, escutada pela maioria da população e pelas instituições nacionais, embora nem sempre seja seguida a sua voz; o povo português é bom, hospitaleiro, generoso e religioso, ama a paz e quer a justiça; há um episcopado fraternalmente unido; há sacerdotes, preparados espiritual e culturalmente, que desejam dar um testemunho cada vez mais coerente de vida interior realizada de modo evangélico, enquanto enraizada na oração e na caridade; há consagrados e consagradas, que, fiéis ao carisma dos respectivos fundadores, manifestam à sociedade contemporânea o valor perene da sua entrega total a Deus mediante os conselhos evangélicos da pobreza, da castidade e da obediência, e colaboram na pastoral de conjunto de cada uma das Igrejas particulares, segundo as directrizes do documento *Mutuae relationes*; há leigos que exprimem, com a sua vida no mundo, a presença eficaz da Igreja para a autêntica promoção humana e social da Nação, lembrados desta indicação do Concílio Vaticano II: «O apostolado no meio social, isto

é, o empenho em informar de espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis e as estruturas da comunidade em que se vive, são incumbência e encargo de tal modo próprios dos leigos que nunca poderão ser plenamente desempenhados por outros. Neste campo, podem os leigos exercer um apostolado de semelhante para com semelhante. Aí completam o testemunho da vida pelo testemunho da palavra. Nesse campo do trabalho, da profissão, do estudo, da residência, do tempo livre ou da associação, são eles os mais aptos para ajudar os seus irmãos» (*Apostolicam actuositatem*, 13). Nesta consonância de intentos de viver a comunhão na Igreja e de contribuir para a sua presença no mundo, abrem-se múltiplos espaços para iniciativas apropriadas, em particular para quantos desejam viver a experiência do voluntariado nos âmbitos da catequese, da cultura, da assistência amorosa a seus irmãos pobres, marginalizados, deficientes, idosos.

Ao regozijar-me vivamente com tudo isto, exorto-vos a prosseguir no empenho dum constante e metódica evangelização, bem convictos de que uma formação autenticamente cristã da consciência é de extrema e indispensável ajuda também para o amadurecimento social e para o verdadeiro e equilibrado bem-estar de Portugal. Com viva confiança em Deus, não percais a coragem perante situações que suscitam perplexidade e vos causam amargura, tais como certas paróquias estagnadas e necessitadas de reavivar a fé baptismal, que acorde no indivíduo e na comunidade um autêntico espírito de missão; paróquias por vezes centradas e fechadas no «seu» pároco às quais a carência de sacerdotes, para além do mais, impõe abertura a uma lógica mais dinâmica e eclesial na comunhão; alguns sacerdotes que, tentados pelo activismo pastoral, não cultivam a oração e a profundidade espiritual, essenciais para a evangelização; um grande número de adolescentes e jovens que abandonam a prática cristã, depois do sacramento do Crisma; um vazio na oferta paroquial de formação cristã juvenil

pós-Crisma, que muito poderia obstar a futuras situações familiares irregulares; enfim, necessidade de conversão pessoal e pastoral de pastores e fiéis até que todos possam dizer com verdade e alegria: a Igreja é a nossa casa.

Meus amados irmãos, não pode deixar de nos preocupar a todos esta debandada da juventude, que tem lugar precisamente na idade em que lhe é dado tomar as rédeas da vida nas suas mãos. Perguntemo-nos: A juventude deixa, porque assim o decide? Decide assim, porque não lhe interessa a oferta recebida? Não lhe interessa a oferta, porque não dá resposta às questões e interrogativos que hoje a inquietam? Não será simplesmente porque, há muito, deixou de lhe servir o vestido da Primeira Comunhão, e mudou-o? É possível que a comunidade cristã insista em vestir-lho? O seu Amigo de então, Jesus, também cresceu, tomou a vida em suas mãos no meio dalguma incompreensão dos pais (cf. *Lc 2, 48-52*) e abraçou os desígnios do Céu a seu respeito, tendo-os levado a cumprimento com abandono completo nas mãos do Pai (cf. *Lc 23, 46*). Recordo que, num momento de crise e hesitação que envolveu os seus amigos e seguidores acabando muitos deles por desertarem, Jesus perguntou aos doze apóstolos: «Também vós quereis ir embora?» Respondeu-Lhe Simão Pedro: “A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso, nós cremos e sabemos que Tu és o Santo de Deus”» (*Jo 6, 67-69*). A proposta de Jesus tinha-os convencido; hoje a nossa proposta de Jesus não convence. Eu penso que, nos guiões preparados para os sucessivos anos de catequese, esteja bem apresentada a figura e a vida de Jesus; talvez mais difícil se torne encontrá-Lo no testemunho de vida do catequista e da comunidade inteira que o envia e sustenta, apoiada nas palavras de Jesus: «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (*Mt 28, 20*). Que Ele está, não há dúvida; mas onde é que O escondemos? Porque, se a proposta é Jesus Cristo crucificado e redivivo no catequista e na comunidade, se este Jesus se põe a caminho

com o jovem e lhe fala ao coração, este seguramente abraça-se (cf. *Lc 22, 15.32*).

Jesus caminha com o jovem... Infelizmente o pensamento dominante actual, que vê o ser humano como aprendiz-criador de si mesmo e totalmente embriagado de liberdade, tem dificuldade em aceitar o conceito de vocação, no sentido alto de um chamamento que chega à pessoa vindo do Criador do seu próprio ser e vida. A verdade, porém, é que Deus, ao criar-nos, sem dúvida livres na existência, predispôs de certo modo a nossa essência ao pensá-la e dotá-la das capacidades requeridas para uma missão concreta ao serviço desta humanidade que Ele ama. E ama-nos demais, para nos abandonar ao acaso e à míngua de bem. Deste modo, a nossa felicidade depende absolutamente de individuarmos e seguirmos o chamamento para tal missão. A tal liberdade predisposta do mais íntimo do nosso ser para um bem determinado, o mundo define-a uma contradição e, no seu cálculo das probabilidades, não vê qualquer possibilidade de irmos parar no posto exacto que um Ser infinito nos teria atribuído. Mas o mundo está enganado, pois «o Senhor põe os olhos na humildade desta sua ínfima criatura e nela faz maravilhas». Estas palavras traduzem a certeza dum jovem abençoada, mas que via a mesma misericórdia que Deus usara para com ela «estender-se de geração em geração sobre aqueles que O temem» (cf. *Lc 1, 48-50*).

E não há motivo algum para uma pessoa, seja ela quem for, se auto-excluir deste terno olhar de Deus sobre a sua humilde criatura. «Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria» (*Is 49, 15*). Jesus caminha com o jovem... Ao catequista e à comunidade inteira é pedido para passar do modelo escolar ao catecumenal: não apenas conhecimentos cerebrais, mas encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual

Deus chama e o ser humano responde. «Quando ainda estava no ventre materno, o Senhor chamou-me (...), para ser o seu servo, para Lhe reconduzir Jacob e para Lhe congregar Israel. Assim me honrou o Senhor. O meu Deus tornou-Se a minha força» (Is 49, 1.5). A Igreja em Portugal precisa de jovens capazes de dar resposta a Deus que os chama, para voltar a haver famílias cristãs estáveis e fecundas, para voltar a haver consagrados e consagradas que trocam tudo pelo tesouro do Reino de Deus, para voltar a haver sacerdotes imolados com Cristo pelos seus irmãos e irmãs. Temos tantos jovens desocupados e o Reino dos Céus à míngua de operários e servidores... Deus não pode querer isto. Que se passa então? «É que ninguém nos contratou» (Mt 20, 7). Precisamos de conferir dimensão vocacional a um percurso catequético global que possa cobrir as várias idades do ser humano, de modo que todas elas sejam uma resposta ao bom Deus que chama: ainda no seio da mãe, chamou à vida e o nosso ser assomou à vida; e, ao findar a sua etapa terrena, há-de responder com todo o seu ser a esta chamada: «Servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor» (Mt 25, 21).

Não vos falta, amados Irmãos, zelo apostólico nem espírito de iniciativa para alcançardes este objectivo, com o empenho do esforço humano ligado à eficácia do auxílio divino. Jesus disse: «Quem crê em Mim também fará as obras que Eu realizo» (Jo 14, 12), não obstante a nossa total indignidade, apesar da nossa fraqueza humana. Também os Apóstolos eram homens fracos. Também Pedro era homem fraco. Seja, portanto, um esforço de colaboração, isto é, da Igreja inteira, porque foi à Igreja que o Senhor assegurou a sua constante presença e a sua infalível assistência. Depois desta visita *ad Limina*, retomai com empenho renovado o vosso caminho, levando a todos a certeza da minha fraterna solidariedade e empatia. Compartilho as vossas ânsias e as vossas esperanças, as vossas preocupações e as vossas alegrias; convosco e por vós invoco

a Virgem Santíssima, para a Qual não cessem de tender os vossos corações com amor filial. E não vos esqueçais de rezar por mim. Confirmo-vos o meu afecto fraterno e dou-vos a Bênção Apostólica, com a qual pretendo abraçar também os fiéis confiados aos vossos cuidados pastorais.

Papa Francisco

Audiência Geral

onde saudou os Bispos Portugueses em visita *ad Limina*

Praça São Pedro

Quarta-feira, 9 de Setembro de 2015

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje gostaria de chamar a nossa atenção para o *vínculo entre a família e a comunidade cristã*. É um vínculo, por assim dizer, «natural» porque a Igreja é uma família espiritual e a família é uma pequena Igreja (cf. *Lumen gentium*, 9).

A comunidade cristã é a casa daqueles que acreditam em Jesus como a fonte da fraternidade entre todos os homens. A Igreja caminha no meio dos povos, na história dos homens e das mulheres, dos pais e das mães, dos filhos e das filhas: esta é a história que conta para o Senhor. Os grandes acontecimentos dos poderes mundanos escrevem-se nos livros de história, e ali permanecem. Mas a história dos afectos humanos inscreve-se directamente no Coração de Deus; e é a história que permanece para sempre. Este é o lugar da vida e da fé. A família é o lugar da nossa iniciação — insubstituível, indelével — nesta história. Nesta história de vida plena, que acabará na contemplação de Deus por toda a eternidade no Céu, mas começa na família! Por isso a família é tão importante.

O Filho de Deus aprendeu a história humana nesta via, e percorreu-a até ao fim (cf. *Hb 2*, 18; 5, 8). É bom voltar a contemplar Jesus e os sinais deste vínculo! Ele nasceu numa família e ali «aprendeu o mundo»: uma oficina, quatro casas, uma aldeia insignificante. No entanto, vivendo por trinta anos esta experiência, Jesus assimilou a condição humana, acolhendo-a na sua comunhão com o Pai e na sua própria missão apostólica. Depois, quando deixou Nazaré e começou a vida pública, Jesus formou ao seu redor uma comunidade, uma «*assembleia*», uma com-vocação de pessoas. Eis o significado da palavra «igreja».

Nos Evangelhos, a assembleia de Jesus tem a forma de uma família, e de *uma família hospitaleira*, não de uma seita exclusiva, fechada: nela encontramos Pedro e João, mas também o faminto e o sedento, o estrangeiro e o perseguido, a pecadora e o publicano, os fariseus e as multidões. E Jesus não cessa de acolher e falar com todos, até com quantos já não esperam encontrar Deus na sua vida. É uma lição forte para a Igreja! Os próprios discípulos são eleitos para cuidar desta assembleia, desta família dos hóspedes de Deus.

Para que seja viva no hoje desta realidade da assembleia de Jesus, é indispensável reavivar a aliança entre a família e a comunidade cristã. Poderíamos dizer que a *família e a paróquia* são os dois lugares onde se realiza aquela comunhão de amor que encontra a sua derradeira fonte no próprio Deus. Uma Igreja verdadeiramente segundo o Evangelho não pode deixar de ter a forma de uma *casa hospitaleira*, sempre de portas abertas. As igrejas, as paróquias e as instituições, com as portas fechadas, não devem chamar-se igrejas, mas museus!

E hoje esta é uma aliança crucial. «Contra os “centros de poder” ideológicos, financeiros e políticos, voltemos a pôr as nossas esperanças nestes centros do amor evangelizador, ricos de calor humano, assentes na solidariedade, na participação» (Pont. Cons. para a Família, *Gli insegnamenti di J.M. Bergoglio — Papa Francesco sulla famiglia e sulla vita 1999-2014*, LEV 2014, 189), e também no perdão entre nós.

Hoje é indispensável e urgente fortalecer o vínculo entre família e comunidade cristã. Sem dúvida, é necessária uma fé generosa para ter a inteligência e a coragem de renovar esta aliança. Às vezes, as famílias hesitam, dizendo que não estão à altura: «Padre, somos uma família pobre e até um pouco arruinada», «Não estamos à altura», «Já temos tantos problemas em casa», «Não temos força». Isto é verdade. Mas ninguém é digno, ninguém está à altura, ninguém tem força! Sem a graça de Deus, nada poderíamos fazer. Tudo nos é dado gratuitamente! E o Senhor nunca chega a uma nova família sem fazer algum milagre. Recordemos aquilo que Ele fez nas bodas de Caná! Sim, quando nos pomos nas suas mãos, o Senhor levamos a fazer milagres — aqueles milagres de todos os dias! — quando o Senhor está ali naquela família.

Naturalmente, também a comunidade cristã deve fazer a sua parte. Por exemplo, procurar superar atitudes demasiado directivas e funcionais, favorecendo o diálogo interpessoal, o conhecimento e a estima recíproca. As famílias tomem a iniciativa e sintam a responsabilidade de oferecer os seus dons preciosos em prol da comunidade. Todos nós devemos estar conscientes de que a fé cristã se vive no campo aberto da vida partilhada com todos; a família e a paróquia devem realizar o milagre de uma vida mais comunitária para a sociedade inteira.

Em Caná estava presente a Mãe de Jesus, a «Mãe do bom conselho». Ouçamos as suas palavras: «Fazei o que Ele vos disser» (cf. *Jo 2, 5*). Amadas famílias, estimadas comunidades paroquiais, deixemo-nos inspirar por esta Mãe, façamos tudo o que Jesus nos disser e encontrar-nos-emos diante do milagre, do milagre de cada dia. Obrigado!

